



ESCRITAS DE SI: memórias, silêncios e encobrimentos

Gisele M. Paes Barreto Chagas¹

1 ESCRITA DE SI

A escrita de si centrada na experiência individual do sujeito passa pelo advento do trauma que se instalou desde o final da Segunda Guerra Mundial, episódio também conhecido como *Shoah* pelos judeus. Neste contexto, para se pensar as narrativas sobre o passado o trauma funciona como um dos aspectos fundamentais para que essas escritas e releituras fossem estudadas pela Literatura Contemporânea. A escrita de si de uma experiência individual dialoga com a experiência coletiva na escrita do relato histórico, a fim de se pensar a relação entre memória e narrativa no século XX e XXI.

A *Shoah* é um evento-limite que transcende o entendimento humano por ter como característica o aniquilamento do homem no sentido de despi-lo de qualquer vestígio de humanidade.

Para compreender o genocídio que matou mais de seis milhões de judeus no século XX é preciso repensar o sentido de linguagem e a capacidade de usar os meios de representação que dispomos para representar, capaz de recriar a verdade sobre os campos de concentração nazista. Sendo a *Shoah* entendida como catástrofe ou destruição, às vezes desolação.

2 A SHOAH

O termo de origem bíblica é usado para significar desastres de grandes proporções, já que Holocausto tem uma conotação sacrificial, por ocasião da expiação dos pecados do povo judeu, no contexto bíblico, ao longo do Antigo Testamento, sobretudo no Pentateuco, onde o Sumo Sacerdote oferecia uma oferta a Deus pela expiação dos pecados do povo.

Neste contexto, *Shoah* é um termo mais adequado para dar conta do extermínio dos judeus na Segunda Guerra Mundial, já que Holocausto tem conotação sacrificial, o

¹ Doutoranda em Letras (Literatura Comparada) – UFF.

povo judeu não foi sacrificado, como nos mostram os relatos do Antigo Testamento, o povo judeu foi exterminado pelos alemães nazistas, sob a liderança de Hitler durante a Segunda Guerra Mundial.

O trauma se configura na não elaboração da assimilação do evento traumático. Partindo da designação de trauma como ferida aberta, exposta, como apontou Freud, essa ferida pode se expandir ou diminuir e, ainda, ser estancada, ao longo da vida do sobrevivente ou ainda na recusa à vida.

3 O TRAUMA

É partir da experiência não assimilada que o trauma se configura e se torna recorrente como uma ideia que persegue o sobrevivente, a cena que volta, o passado que se faz presente durante toda a vida. A memória é alavancada por ser a capacidade do não esquecimento, de trazer à tona a cena vivida, a presentificação do passado que jorra na vida do sobrevivente.

O trauma entendido como ferida exposta tem suas consequências além da não assimilação do evento-limite, a não capacidade de externar a experiência além da literatura. Um dos exemplos emblemáticos da recorrência da cena traumática, da memória recorrente é o sonho que Primo Levi tem em Auschwitz que também era o mesmo sonho de outros sobreviventes.

Pensando na definição possível de testemunho, sobretudo nos relatos da *Shoah*: “o conceito de testemunho concentra em si uma série de questões que sempre polarizam a reflexão sobre a literatura: ele põe em questão as fronteiras entre o literário, o fictício e o descritivo”, como aponta Márcio Seligman-Silva (2008, pp. 1-2).

4 O TESTEMUNHO

O pacto autobiográfico pressupõe um compromisso duplo com o leitor, por um lado, ele se refere, faz alusão à referencialidade externa do que o texto enuncia, o que se narra realmente aconteceu e é comprovável. (LEJEUNE, 1996 [1975]). Por outro lado, o autor deve convencer o leitor de que quem diz “eu” no texto é a mesma pessoa que assina o livro e se responsabiliza pelo que narra. (LEJEUNE, 1996 [1975], p. 24). Observa-se a justaposição de passado, presente e, sobretudo, o que

nos chama atenção, por ser uma das características da memória. Sendo o passado, presente nada mais do que conceitos articulados e reordenados pela inteligência humana, da percepção da realidade, e reconstruídos pelo como uma possibilidade de se construir sua vida por meio de uma escrita de vida. (SELIGMANN-SILVA, 1999)

A literatura de testemunho constrói-se a partir de paradoxo: traduzem a necessidade de contar e falam da insuficiência da linguagem para realizá-la. Nesse contexto, uma das questões centrais refere-se à representação. É possível representar a catástrofe? Como garantir a autenticidade dos fatos vividos, que falam da experiência de cada indivíduo e, portanto, da dimensão do singular, e incorporar categorias tradicionais do representar, voltadas para totalizações, para, para a dimensão do universal? Como evitar as reduções ou a recriação espetacular do testemunho, como uma intenção de “tomar presente” o material vivido do que para a clássica tarefa de “representar” (CABRAL, 2005, p. 65).

O conceito de verdade² é filtrado nos relatos de testemunho pela memória dos sobreviventes que recriam por meio de seus relatos a experiência vivida na guerra. E, por meio do pacto autobiográfico somos empurrados para o desvendar daquele mundo que ruiu, cujo tema é recorrente nos dias de hoje, guardadas as devidas proporções e com roupagem contemporânea, os relatos de testemunhos da *Shoah*, são verdades ditas na ficção, pois o escritor assina o nome no livro que respalda seu relato por tratar-se de um sobrevivente.

Como mostra Márcio Selligman-Silva:

O testemunho está na tensão que habita a literatura na sua relação dupla com o real e com o histórico, de afirmação e negação. A literatura de testemunho só existe no espaço entre as palavras e as coisas. Mas existe uma marca específica entre de como esta tensão se dá no testemunho. Ou

² Para Michel Foucault (1999, pp. 67-72) em sua obra “A verdade e as formas jurídicas”, o inquérito surge como um meio de estabelecer a verdade, como uma maneira de saber e o testemunho ganha seu valor de prova, como forma de revelar a verdade na esfera jurídica. Contudo, Foucault (1999, p. 11) ainda considera que há duas histórias da verdade e que a criação do saber não deve ser desassociada das relações de poder. Sendo que a primeira estabelece a história como se cria ou a história das ciências; é considerada como uma história interna da verdade, que vai corrigindo-a a começar dos seus próprios princípios de sistematização. Já a segunda, está ligada a outro tipo de verdade independente que se cria na sociedade; é considerada uma história externa (exterior) da verdade.

seja, o testemunho não é o literário, onde não existe a mentira, mas apenas a “verdade estética” (SELLIGMAN-SILVA, 2009, p. 80).

5 A LINGUAGEM E O TESTEMUNHO

Além da linguagem, código possível para a construção dos relatos, seja como pagamento de uma dívida com os que morreram, para apaziguar a dor do trauma, ferida exposta ou para informar as gerações seguintes para que o episódio não se repita, o relato de testemunho, seja o diário, a autobiografia, ou um livro de memórias, a linguagem é o meio pelo qual essa experiência será possível, porém, ela é esbarra na limitação da linguagem enquanto signo que não encontra significante para captar, retratar a dor, a imensidão de relatos indizíveis.

A experiência vivida esbarra na linguagem que não dá conta, na imensidão de palavras possíveis de captar o real da experiência vivida pelos sobreviventes. Como descrever a dor da separação de uma família, como descrever a fome e todas as implicações que a falta de alimento causa no organismo de uma pessoa? Como descrever a humilhação cotidiana da perda de identidade, de humanidade por meio da linguagem? Como estancar a ferida aberta para rememorar a experiência vivida?

6 PRIMO LEVI

Após sobreviver aos campos de concentração, estando em casa, no conforto e aconchego do lar, contando suas experiências-limite, para os familiares e amigos, quando abruptamente ele nota a indiferença dos ouvintes em saber a verdade dos *lagers*. Primo Levi é surpreendido com seus ouvintes que deixam a mesa um a um para não ouvi-lo. Então, ele questiona: por que o sofrimento de cada dia se traduz, constantemente em nossos sonhos, em cenas sempre repetidas da narração que os outros não escutam? (LEVI, 1988, p. 60).

O silêncio dos amigos e dos familiares diante da dor do sobrevivente pode ser entendido como o vazio diante da falta de palavras para nomear os fatos vividos e compartilhados seja no ato de apenas ouvir, sobretudo do silenciamento diante do que aconteceu, a cumplicidade por parte da população civil europeia diante do advento da Segunda Guerra Mundial.

O silêncio ainda pode ser entendido como o sentimento de compartilhar a dor do outro, o sobrevivente silencia seu testemunho pelo excesso de dor que sente diante da rememoração dos fatos, por não conseguir expressar em palavras o que viveu.

Como escreveu Levi: Pela primeira vez, então nos damos conta que a nossa língua não tem palavras para expressar esta ofensa, a aniquilação de um homem. (LEVI, 1990, p. 57). A frase de Levi sintetiza a sensação de vazio, de não conseguir expressar em palavras a experiência-limite vivida nos campos de concentração nazista. O drama do sobrevivente é o indizível, não ter palavras que dê conta de sua experiência. Neste contexto, a literatura de testemunho se encontra entre o real e sua impossibilidade que esbarra na linguagem enquanto signo de representação.

Os relatos de testemunhos se inserem em uma representação possível que encontra na linguagem fragmentada uma possibilidade de tecer por meio da memória, que por sua vez é falha, a representação da barbárie em sua totalidade, da experiência que precisa ser narrada, não por meio de fatos, mas por meio da angústia que carrega o sobrevivente, que em muitos casos, impulsionou o suicídio de muitos sobreviventes, a dor mais profunda e a violência cruel e desumana. Eis o sonho de Primo Levi:

É um sonho dentro de outro sonho. Estou à mesa com a família, ou com amigos, mas, mesmo assim, sinto uma angústia sutil e profunda, a sensação definida de uma ameaça que domina. E, de fato, continuando o sonho, pouco a pouco ou brutalmente, todas às vezes de forma diferente, tudo desmorona e se desfaz ao meu redor, o cenário, as paredes, as pessoas, e a angústia se torna mais intensa e mais precisa. Tudo agora tornou-se o caos: estou só no centro de um nada turvo e cinzento. E, de repente, sei o que isso significa, e sei também que sempre soube disso: estou de novo no campo de concentração, e nada era verdadeiro fora do campo de concentração. (LEVI, 1997, p. 258).

O sonho de Levi além de expressar a impossibilidade da linguagem capaz de dar conta da experiência vivida, pode ser entendido como a síntese da memória e do esquecimento, pois se trata da recusa dos ouvintes em escutar os relatos inimagináveis que podem ameaça-los na pureza de sua linguagem, ainda tranquila, como mostra Jeanne-Maria Gagnebin.

A escrita do relato de testemunho pode ser entendida como uma tentativa para apaziguar o trauma, mas torna-se impossível curar a ferida, pois a literatura funciona como um desabafo, uma necessidade de expressar a experiência, como uma ação

terapêutica, mas nunca definitiva, o que implicaria o perdão, sendo a capacidade humana de esquecer-se, para começar de novo, um nascer de novo, no sentido religioso da palavra.

7 SILENCIAMENTO

No campo oposto da linguagem está o silêncio que é a representação primeira do trauma. O silenciamento dos fatos funciona como o não lembrar, o tentar esquecer, não tocar na ferida exposta. A dor exposta é apaziguada pelo silêncio. O silêncio é terapêutico por deixar no passado o passado e não trazer ao presente às lembranças que rememoram o trauma.

O silêncio, a não verbalização do passado, é uma medicação terapêutica para não sentir dor. Esquecer-se do passado é possível por meio do silêncio. Deixar o passado no passado passa pelo silenciamento de não verbalizar, de não rememorar a experiência traumática.

8 DESDOBRAMENTOS DO TRAUMA E A SHOAH

O desdobramento do trauma tem seu campo fértil no relato de testemunho, pois por meio de sua escrita e publicação, a história dos campos de concentração nazistas é propagada para as gerações posteriores, que vivenciaram a experiência do trauma por meio do silêncio de seus pais, o silêncio ensurdecido da primeira geração dos filhos dos sobreviventes.

Para não tocar na ferida e seguir adiante com sua vida, o sobrevivente adotará o silêncio como forma viável para conduzir sua vida. Logo, o relato de testemunho tem um papel fundamental para o desvendar dos segredos guardados pelos familiares dos sobreviventes da *Shoah*.

9 A SEGUNDA E A TERCEIRA GERAÇÃO DOS SOBREVIVENTES DA SHOAH

A geração posterior abrirá as caixas e revelará os segredos por meio da escrita do relato de testemunho em seus desdobramentos: memórias, diário, ficção entre outros, como veremos adiante em *O que os cegos estão sonhando*, diário de Lili Jaffe, sobrevivente de Auschwitz, escrito por Noemi Jaffe e Leda Cartum, filha e neta de Lili Jaffe, *Diário da queda*, de Michel Laub, Logo, “o testemunho funciona ainda

como o guardião da memória dos traumatizados, sendo a incapacidade de incorporar em uma cadeia contínua as imagens vivas, exatas” (SELLIGMAN-SILVA, 2009, p. 7.).

10 DIÁRIO DA QUEDA

Diário da queda, de Michel Laub, publicado em 2011, tem a forma de um diário não convencional, redigido em fragmentos não lineares que conta a vida do narrador, um jornalista perto de completar quarenta anos, que rememora sua infância e os traumas de sua família, a partir do incidente que ocasionou a queda de um colega de escola no seu aniversário de treze anos. O incidente dá nome ao livro e perpassa toda narrativa, pois o livro é construído a parti das inúmeras quedas por que passam os personagens da narrativa: o avô, o pai e o narrador.

Contudo, a queda de João, o colega da antiga escola judaica, é o cerne que une todas as narrativas que compõem o livro. É partir da queda de João, único personagem nomeado no livro que as demais narrativas se constroem. A queda é o fio condutor para a discussão de um tema que perpassa a família do narrador, o trauma que é transmitido por meio do convívio entre as gerações dos familiares, Auschwitz, a palavra que para muitos não significa nada, mas que para a família do narrador é a dor que se traduz em silêncio nas relações familiares. O não dito, mas que é vivido.

11 A PERPETUAÇÃO DO TRAUMA: A SHOAH

A perpetuação do trauma se dá na relação entre familiares e o silenciamento da dor que não é nomeada nem dita, mas ela está ali balizando as relações. De maneira simples e direta, mas de forma cuidadosa, o tema Holocausto é trazido discussão na narrativa em uma história que não há redenção nem final feliz, as coisas não se encaixam, elas estão fora do lugar e permaneceram lá até que as gerações compreendam e possam significar o trauma de uma das maiores atrocidades já vividas no século XX.

12 SILENCIAMENTO

O silêncio é possível pela necessidade de viver no presente, de fincar os pés no presente e vislumbrar um futuro. Não deixar rastros, esquecer torna-se possível por meio do silêncio. Não ver nem tocar a ferida.

Em outro sentido, o silêncio nos campos de concentração nazista foi adotado como parte do aniquilamento de qualquer vestígio de humanidade nos campos de concentração desfazendo qualquer possibilidade de linguagem e expressão.

A destituição da linguagem enquanto código capaz de expressar as emoções humanas foi destruída juntamente com a capacidade de expressão primeira do que nos caracteriza como seres humanos, e a pergunta que se faz é como descrever o silêncio da perda de humanidade, há signo linguístico que seja capaz de realizar essa tarefa?

O silêncio dos sobreviventes pode ser entendido muito além do da questão do trauma, no sentido de ferida exposta, como também a não compreensão do evento vivido, a experiência não assimilada.

13 DIÁRIO DA QUEDA

A narrativa de Michel Laub, *Diário da queda*, pode ser lida sob a ótica da perpetuação do trauma nas gerações do sobrevivente da *Shoah*. No livro, temos a perpetuação do trauma na vida do sobrevivente, o avô do narrador, que sobreviveu a Auschwitz, sem deixar nenhuma linha escrita sobre isso nem tampouco falar sobre o assunto com seus familiares. No diário escrito pelo avô do narrador não há nenhuma linha sobre o assunto nem qualquer menção a Auschwitz.

14 O QUE OS CEGOS ESTÃO SONHANDO

O que os cegos estão sonhando, de Noemi Jaffe, é um livro composto por três relatos: o diário de Lili Jaffe, sobrevivente de Auschwitz, o relato de sua filha, *O que os cegos estão sonhando* e “Entre aqui e lá”, relato escrito por Leda Cartum, filha da autora e neta de Lili Jaffe.

O diário de Lili Jaffe narra a história de uma jovem judia de dezenove que passou onze meses presa pelos nazistas em diversos campos de trabalho e de extermínio do sistema nazista como Auschwitz. Desde a prisão de sua família em Szentá, cidade na província sérvia Vojvodina, às margens do rio Tisa até sua libertação e ida à Suécia. O diário de Lili Jaffe é escrito após sua libertação na Suécia apenas como um relato de sua experiência de vida sem sentimentalismo quase como um relato de um mulçumano, sem muito questionamento e sofrimento apesar de sua latente existência, como aponta Jacques Fux (FUX, 2013, p. 47).

Nota-se na leitura de seu diário uma complacência com o que o destino lhe reservou. Lili Jaffe aceita o destino sem questionamento, em seu texto ela apenas buscou relatar sua trajetória de vida, sua experiência para posteridade, no caso, sua filha mais nova, Noemi Jaffe, a mais interessada no assunto.

Em *O que os cegos estão sonhando*, de Noemi Jaffe, lemos como o diário de Lili Jaffe impactou sua filha, Noemi Jaffe, que nos apresenta um texto sobre suas impressões acerca do diário de sua mãe, incluindo suas impressões teóricas e literárias sobre o fato de ser filha de uma sobrevivente de Auschwitz.

Ao final da narrativa, temos um pequeno texto de Leda Cartum, filha da autora e neta de Lili Jaffe, sobre suas teorizações, sensações e impressões ao visitar Auschwitz além de suas impressões sobre o diário de sua avó e sobre o legado da shoah.

O diário de Lili Jaffe pode ser visto como um texto de cunho autobiográfico mesclado com a ficção, pois o diário foi escrito após sua experiência sendo a memória o fio condutor para a escrita do relato. Sendo a memória um mecanismo falho, as lacunas do esquecimento são preenchidas pela ficção.

REFERÊNCIAS

ABRAHAM, Nicolas & TOROK, Maria. **A casca e o núcleo**. São Paulo: Editora Escuta, 1995.

BARTHES, Rolan. **O rumor da língua**. São Paulo: Braziliense, 1998.

_____. **A preparação do romance II**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. **Crítica e verdade**. São Paulo: Perspectiva. 1970.

_____. **Prazer do texto**. São Paulo: Perspectiva, 1999.

_____. “A morte do autor”. In: **O rumor da língua**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

Bíblia *Online*. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/acf/ap/1>. Acesso em: 10 mai. 2016.

CABRAL, Márcia. **Primo Levi**: notas sobre literatura de testemunho. *Vivência*. n°29, 2005, p. 65-74. Disponível em: www.cchla.ufrn.br/Vivencia/. Acesso em 20/07/2011.

DURAS, Marguerite. **A dor**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FOUCAULT, Michel. **A verdade e as formas jurídicas**. Tradução de Roberto Cabral de Melo Machado e Eduardo Jardim Morais. Rio de Janeiro: Editora Nau, 1999.

_____. A escrita de si. In: FOUCAULT, Michel. **Ética, sexualidade, política**. 1ª ed. Organização e seleção de textos de M. B. da Mota; Tradução de E. Monteiro e I. A. D. Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004, p. 144 - 162. Disponível em: http://historiacultural.mpbnet.com.br/pos-modernismo/Foucault-A_escrita_de_si.pdf. Acesso em: 28 nov. 2018.

_____. A filosofia analítica da política. In: MOTTA, M. B. (Org.) **Ética, sexualidade, política**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

FUX, Jacques. Até quando os cegos continuarão sonhando? **Revista de Letras**, n. 32, vol. 2 – ago/dez. 2013. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/revletras/article/view/1465>. Acessado em jun. 2016.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: Editora 34, 2009.

_____. “Palavras para Hurbinek” (2000). In: SELIGMAN-Silva, Márcio, Nestrovski, Arthur. **Catástrofe e Representação**. São Paulo: Escuta, p. 99-110.

_____. **Sete aulas sobre linguagem, memória e história**. Rio de Janeiro: Imago, 2005.

_____. “O rastro e a cicatriz: metáforas da memória”. **Proposições**. Vol. 13, n° 3 (39), set/dez, 2002.

_____. “Verdade e memória do passado”. **Revista Eletrônica da PUC-SP**. GINZBURG, Jaime (2010). Linguagem e trauma na escrita do testemunho. Disponível em: <http://www.msmedia.com/conexao/3/cap6.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2016.

HARTMAN, G. H. “Holocausto, Testemunho, Arte e Trauma”. In: SELIGMAN-Silva, Márcio, Nestrovski, Arthur. **Catástrofe e Representação**. São Paulo: Escuta, p. 207-235.

HENRIQUES, Fernanda. “**Dívida e perdão em Paul Ricoeur**: um indicador e um limite da justiça”. Disponível em: http://www.lusosofia.net/textos/20120217henriques_fernanda_divida_e_perdao_em_paul_ricoeur.pdf. Acessado em 4 de janeiro de 2016.

JAFFE, Noemi. **O que os cegos estão sonhando?**: com o diário de Lili Jaffe (1944-1945) e texto final de Leda Cartum\ Noemi Jaffe. São Paulo: Editora 34, 2012.

JAMESON, F. **As Marcas do Visível**. Rio de Janeiro: Graal, 1995.

KUSSLER, Leonardo Marques & ROHDEN, Luiz. “As diferentes tomadas do conceito de memória em Paul Ricoeur”. **X Salão de Iniciação Científica – PUCRS**, 2009. Disponível em: http://www.pucrs.br/edipucrs/XSalaoIC/Ciencias_Humanas/Filosofia/70455LEONARDOMARQUESKUSSLER.pdf.

KLINGER, Irene Diana. **Escritas de si, escritas do outro** – o retorno do autor e a virada etnográfica. Rio de Janeiro: 7Letras, 2007.

KLÜGER, Ruth. **Paisagens da memória**: autobiografia de uma sobrevivente do Holocausto. São Paulo: Ed. 34, 2005.

KUPFERBERG, Marylink & LEVY, Lidia. Um silêncio ensurdecedor. **Cad. Psicanálise - CPRJ**, Rio de Janeiro, ano 31, n. 22, p. 173-184, 2009. Disponível em: http://cprj.com.br/imagenscadernos/13.Um_silencio_ensurdecedor.pdf.

KUSSLER, Leonardo Marques. ROHDEN, Luiz. **As diferentes tomadas do conceito de memória em Paul Ricoeur**. Porto Alegre: UNISINOS. PUC – RS, 2009.

LAUB, Michel. **O diário da queda**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico**. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2008.

LEVI, Primo. **A trégua**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

_____. **É isto um homem**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

_____. **Os afogados e os sobreviventes**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

MILMAN, Luis. “O holocausto: verdade e preconceito”. **Revista Espaço Acadêmico**, nº 43 – Dezembro de 2004. 1516.6186.Revista eletrônica: ISSN

NETO, Joachin de Melo Azevedo S. “Nos interstícios da memória e do esquecimento: Paul Ricoeur e a escrita da História”. **Anais do XXVI – Simpósio Nacional de História – ANPUH**.

RICOUER, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

_____. “**O perdão pode curar?**”. Disponível em: http://www.lusosofia.net/textos/paul_ricoeur_o_perdao_pode_curar.pdf.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. “Apresentação da questão”. In: (org). **História, memória, literatura**. Campinas: Ed. Unicamp, 2003.

_____. “Arte, dor, Káthasis ou variações sobre a arte de pintar o grito”. **Alea**. Vol.5, no1, jan/julho, RJ: UFRJ, 2003.

_____. “**A literatura do trauma**”, *Cult*, n. 23, jun. 1999.

_____. (org.) “Dossiê Literatura de Testemunho”. In: **Revista CULT**. Ano II, jun 1999, N. 23, pp.39-63.

_____. **História, Memória, Literatura – O Testemunho na Era das Catástrofes**. São Paulo: Editora Unicamp, 2003.

_____. “Novos escritos dos cárceres: uma análise de caso. Luiz Alberto Mendes, Memórias de um sobrevivente”. **Estudos de literatura brasileira contemporânea**. Brasília, 2007. nº27.

_____. “Literatura e trauma e Literatura, testemunho e tragédia : pensando algumas diferenças” . In: SELIGMAN-Silva, Márcio. **O local da diferença**. Ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução. S. Paulo: Editora 34, 2005.

_____. “Literatura e trauma: um novo paradigma”. In: **O local da diferença**. Ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução. Campinas, SP: Editora 34, 2007.

_____. “**Testemunho da Shoah e literatura**”. Disponível em: http://diversitas.fflch.usp.br/files/active/0/aula_8.pdf.

SONTAG, Susan. **Diante da dor dos outros**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.